

**EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO**  
**12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)**  
**Cursos Gerais – Agrupamentos 3 e 4**

Duração da prova: 120 minutos  
2004

1.ª FASE

**PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA**

---

Esta prova é constituída por dois grupos de itens.

O GRUPO I inclui dois itens sobre uma única obra:

- um item de relação entre dois conceitos **ou** de justificação de uma tese;
- um item de análise de texto.

O GRUPO II inclui um item de desenvolvimento de um tema dado, a partir de uma única obra.

## GRUPO I

Na página seguinte encontrará um índice das obras para este grupo.

Selecione **APENAS UMA OBRA** e responda aos dois itens formulados.

Na resposta ao item 1:

- utilize aproximadamente 160 palavras (cerca de 20 linhas), número indicador do grau de desenvolvimento da sua resposta;
- tenha em consideração os conhecimentos adquiridos na leitura da obra, sem recorrer ao excerto apresentado para o item seguinte.

Na resposta ao item 2:

- utilize aproximadamente 320 palavras (cerca de 40 linhas), número indicador do grau de desenvolvimento da sua resposta;
- a mera transcrição de frases do texto implica a classificação de zero pontos.

## ÍNDICE DAS OBRAS DO GRUPO I

	Página
– DA NATUREZA, Parménides .....	4
– GÓRGIAS, Platão .....	4
– FÉDON, Platão .....	5
– CATEGORIAS, Aristóteles .....	5
– INTRODUÇÃO ÀS LIÇÕES SOBRE HISTÓRIA DA FILOSOFIA, F. Hegel .....	6
– TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental .....	6
– O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA, F. Nietzsche .....	7
– DA CERTEZA, L. Wittgenstein .....	7
– ELOGIO DA FILOSOFIA, M. Merleau-Ponty .....	8
– OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, B. Russell .....	8
– PROBLEMÁTICA DA SAUDADE & ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA SAUDOSA, Joaquim de Carvalho .....	9
– SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE, M. Heidegger .....	9
– TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, P. Ricœur .....	10

## DA NATUREZA, Parménides

1. Relacione ser e geração, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.
2. Excerto:

É necessário que o ser, o dizer e o pensar sejam; pois podem ser, enquanto o nada não é: nisto te indico que reflitas.  
Desta primeira via de investigação te <afasto>, e logo também daquela em que os mortais, que nada sabem,  
5 vagueiam, com duas cabeças: pois a incapacidade lhes guia no peito a mente errante; e são levados, surdos ao mesmo tempo que cegos, aturdidos, multidão indecisa que acredita que o ser e o não-ser são o mesmo e o não-mesmo, para quem é regressivo o caminho de todas as coisas.  
10 Pois nunca isto será demonstrado: que são as coisas que não são; mas afasta desta via de investigação o pensamento, não te force por este caminho o costume muito experimentado, deixando vagar olhos que não vêem, ouvidos soantes e língua, mas decide pela razão a prova muito disputada  
15 de que falei. (...)

Frag. 6-7 Diels, trad. José Trindade Santos, Lisboa, Alda Editores, 1997, pp. 19 e 21

Explicita a distinção entre os diversos caminhos de investigação referidos no texto. Fundamente a sua análise com elementos da obra.

---

## GÓRGIAS, Platão

1. Relacione os conceitos socráticos de felicidade e de castigo, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.
2. Excerto:

Cálicles – (...) Esta é a verdade e tu reconhecê-la-ás se puseres imediatamente de parte a filosofia para te dedicares a assuntos mais altos. A filosofia, Sócrates, não deixa, de facto, de ter o seu interesse, quando é estudada com moderação na juventude, mas, se se prolonga o seu estudo para além do conveniente, transforma-se numa autêntica calamidade. (...)

5 Efectivamente, além de ignorar as leis da cidade, o filósofo não sabe tratar com os outros de negócios particulares ou públicos nem tem qualquer experiência dos desejos e das paixões, numa palavra, falta-lhe inteiramente a experiência da vida. É por isso que, quando se vê a braços com qualquer questão pública ou privada, todos se riem dele, da mesma forma que os políticos, creio eu, se prestam ao riso, sempre que tomam parte nas vossas conversas e discussões.

10 (...) Assim, é bom ter alguns conhecimentos de filosofia, faz parte da educação, e não vejo nada de vergonhoso num jovem a filosofar. Mas, quando um homem já maduro se ocupa ainda de filosofia, a coisa torna-se ridícula, Sócrates, e o que eu sinto em relação a uma pessoa dessas é algo semelhante ao que me inspira o espectáculo de um homem que balbucia e brinca como uma criança. (...)

15 (...) Gosto de ver um jovem filosofar, acho isso conveniente e próprio de um homem livre; um jovem que não filosofa parece-me, pelo contrário, uma alma baixa, incapaz de qualquer acção nobre e generosa. Mas se vejo um adulto que não desiste de filosofar, entendo que o que ele precisa é de chicote.

484c-485d, trad. Manuel de Oliveira Pulquério, Lisboa, Edições 70, 1992, pp. 120-121

A partir do texto, explicita a oposição entre política e filosofia. Fundamente a sua análise com elementos da obra.

## FÉDON, Platão

1. Relacione os conceitos de conhecimento e de purificação, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.

2. Excerto:

[Sócrates] – (...) Se, com efeito, o imortal é imperecível, não pode a alma, quando a morte avança sobre ela, perecer: de acordo com o que ficou dito, jamais a alma acolherá a morte, jamais será uma coisa morta. Do mesmo modo que o três, dizemos nós, e com ele o ímpar, não será par; nem frio, o fogo, e com ele o calor que no fogo existe. (...)

5 (...) Ora voltando ao caso presente, se de facto concordamos que aquilo que é imortal não perece, a alma, pois, além de imortal, terá de ser ainda imperecível. Caso contrário, há que seguir outra argumentação...

– Mas não por esse motivo – atalhou Cebes. – Seria com efeito difícil que qualquer outra coisa pudesse deixar de acolher a destruição, se o imortal, que é o que sempre existe, porventura a acolher...

10 – Pelo menos, a Divindade – replicou Sócrates – e a Forma em si mesma da Vida, bem como tudo o que há de imortal, esses, julgo eu, todos concordam que nunca perecem.

– Entre os homens, decerto todos, por Zeus – confirmou – e mais ainda, quero crê-lo, entre os deuses!

– Ora, uma vez que o que é imortal não está sujeito à destruição, então a alma, se é efectivamente imortal, não poderá deixar de ser imperecível?

15 – Inevitavelmente.

– Logo, quando a morte sobrevém ao homem, é a sua parte mortal, ao que parece, que morre; a outra, a imortal, subtrai-se à morte e escapa-se a salvo, isenta de destruição.

– Assim parece.

20 – Com toda a evidência, Cebes – concluiu –, a alma é, pois, imortal e imperecível. E é um facto que as nossas almas irão para o Hades.

106b-107a, trad. Maria Teresa Schiappa de Azevedo, Coimbra, Livraria Almedina, 2001, pp. 118-119

A partir do texto, exponha a argumentação que conduz à conclusão de que a alma é imperecível. Fundamente a sua análise com elementos da obra.

---

## CATEGORIAS, Aristóteles

1. Relacione os conceitos de definição e de sinonímia, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.

2. Excerto:

Das expressões que dizemos, umas são ditas por combinação e outras são-no sem combinação. As que são ditas por combinação são, por exemplo, «o homem corre», «o homem vence»; as que o são sem combinação são, por exemplo, «homem», «boi», «corre», «vence».

5 Das coisas que existem, [1] umas são ditas de algum sujeito, mas não existem em nenhum sujeito. Por exemplo, homem é dito de um sujeito, a saber, de um certo homem, mas não existe em nenhum sujeito. [2] Outras existem num sujeito, mas não são ditas de nenhum sujeito (com «num sujeito» quero dizer aquilo que existe em alguma coisa, não como uma sua parte, e que não pode existir separadamente daquilo em que existe). Por exemplo, um certo conhecimento gramatical existe num sujeito, a saber, na alma, mas não é dito de nenhum sujeito; e um certo branco existe num

10 Outras são ditas de um sujeito e existem num sujeito. Por exemplo, o conhecimento existe num sujeito, a saber, na alma, e é dito de um sujeito, a saber, da gramática. [4] Outras ainda nem existem num sujeito nem são ditas de um sujeito. Por exemplo, um certo homem ou um certo cavalo; pois nenhum destes existe num sujeito nem é dito de um sujeito. Em geral, as coisas individuais e

15 numericamente umas não são nunca ditas de um sujeito, mas nada impede que algumas existam num sujeito; pois um certo conhecimento gramatical é algo que existe num sujeito.

1a, trad. Ricardo Santos, Porto, Porto Editora, 1995, p. 38

A partir do texto, esclareça o significado de «existir num sujeito». Fundamente a sua análise com elementos da obra.

V.S.F.F.

## INTRODUÇÃO ÀS LIÇÕES SOBRE HISTÓRIA DA FILOSOFIA, F. Hegel

1. Relacione indivíduo, enquanto filósofo, e história da filosofia, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.

2. Excerto:

A propósito do desenvolvimento, pode perguntar-se: o que é que se desenvolve? qual é o conteúdo absoluto?

5 As pessoas representam-se [vulgarmente] que o desenvolvimento é actividade formal, sem conteúdo. O acto não tem, porém, nenhuma outra determinação que não a actividade; por isso fica determinada a índole universal do conteúdo. Ser-em-si e ser-para-si são os momentos da actividade; o acto é isto: conter em si estes momentos diferentes.

10 O acto é, porém, apesar disso, algo de uno; e é isso o concreto. Não só o acto é concreto, como também o em-si, o sujeito da actividade que começa [o é]: [são concretos] o produto e bem assim a actividade e o que inicia. A marcha do desenvolvimento é também o conteúdo, a própria Ideia. Há algo de uno e um outro, e ambos são um; é o terceiro – um é em outro consigo mesmo, não fora de si.

É um preconceito habitual [dizer-se] que a ciência filosófica apenas tem a ver com abstracções, com universalidades vazias; a intuição, a nossa autoconsciência empírica, o nosso auto-sentimento, o sentimento da vida seriam, em contrapartida, o em si concreto, o em si determinado, o rico.

15 De facto, a filosofia está no domínio do pensamento; tem, assim, a ver com universalidades, o seu conteúdo é abstracto, mas apenas segundo a forma, segundo o elemento; em si própria, a Ideia é, porém, essencialmente concreta, a unidade de diferentes determinações.

Trad. José Barata-Moura, Porto, Porto Editora, 2001, pp. 68-69

A partir do texto, explicita a relação entre os conceitos de desenvolvimento e de concreto. Fundamente a sua análise com elementos da obra.

---

## TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental

1. Relacione os conceitos de inconsciente e de vontade, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.

2. Excerto:

5 (...) Acrescentarei agora que, ainda no campo dos metafísicos, [o *apriorismo*] provocava, e com razão, vivos protestos. Não está tudo, com efeito, em admitir a «identidade do ser e do saber», esse como que dogma da moderna metafísica. Para que, em virtude dessa identidade, nos considerássemos autorizados a extrair do *saber* (a razão), dedutivamente e sem recorrer a outra fonte do conhecimento, o *ser* (o mundo objectivo), fora ainda necessário que essa razão, que *se sabe*, se soubesse completamente e com igual segurança e nitidez em todas as suas esferas, de tal sorte que não só visse em si mesma o *ser* (o que se admitia), mas o visse igualmente claro em todos os seus elementos e na ordem e relações necessárias deles. Ora, era isso o que não se admitia. A razão não tem de si mesma esse conhecimento total e infalível. (...) A verdade, tudo o atesta, é que a razão só imperfeitissimamente se conhece: com uma certa intimidade, só nos seus elementos fundamentais, nas suas grandes faculdades e noções. E, se ela é a expressão superior do ser, isso mesmo nos leva a crer que, imensa como deve ter sido a sua evolução até esse ponto culminante, estará tão longe daquela região inferior que é o mundo objectivo (e ainda do subjectivo das sensações, das paixões e dos sentimentos, que para a razão é também *objecto*), que a noção dos estados obscuros e rudimentares donde partiu, mas que lhe ficam tanto para trás, se deve ter obliterado e confundido na sua actual consciência superior: da mesma forma, se é lícita a comparação, que um homem adulto só muito vagamente conserva a noção (quando a conserva) das ideias e dos sentimentos da sua primeira meninice. Evidentemente, a metafísica, arrastada no voo da poderosa imaginação poética alemã, extraviara-se e era necessário chamá-la cautelosamente ao bom caminho.

Lisboa, Editorial Presença, 1999, pp. 86-87

A partir do texto, explicita as críticas à concepção de razão da «moderna metafísica». Fundamente a sua análise com elementos da obra.

## O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA, F. Nietzsche

1. Relacione os conceitos de belo e de sublime, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.

2. Excerto:

(...) o séquito exaltado de servos de Dioniso jubila: o seu poder transforma-os aos seus próprios olhos, de tal modo que eles ousam contemplar-se como génios da natureza restabelecidos, como sátiros. A posterior constituição do coro da tragédia é a imitação artística daquele fenómeno natural, na qual aliás se tornou necessária uma separação entre os espectadores dionisíacos e os que se encontravam sob os efeitos do encanto dionisíaco. Devemos porém ter sempre presente o facto de o público da tragédia ática se reencontrar a si próprio no coro da orquestra, de em princípio não haver oposição entre público e coro: porque tudo é um grande e sublime coro de sátiros dançando e cantando, ou de quem se faça representar por esses sátiros. A frase de Schlegel tem aqui de revelar-se num sentido mais profundo. O coro é o «espectador ideal» na medida em que é o único *observador* capaz de ver o mundo de visões da cena. Um público de espectadores, tal como o conhecemos, era desconhecido aos Gregos: nos seus teatros era possível a qualquer pessoa, tendo em conta a estrutura do espaço destinado aos espectadores, erguendo-se em anfiteatro de arcos concêntricos, *deixar de ver* todo o mundo civilizado em redor e imaginar-se enquanto coreuta, numa contemplação saciada. Nesta perspectiva podemos designar o coro, na sua fase primitiva da tragédia originária, como um reflexo próprio do homem dionisíaco: fenómeno esse que se pode clarificar sobretudo através do processo do actor que, se possui um verdadeiro talento, vê o papel que representa pairar de forma palpável diante dos seus olhos.

In *Obras Escolhidas de Friedrich Nietzsche*, vol. I, trad. Teresa Cadete, Lisboa, Relógio d'Água, 1997, pp. 62-63

A partir do texto, explicita o papel do coro na tragédia grega. Fundamente a sua análise com elementos da obra.

---

## DA CERTEZA, L. Wittgenstein

1. Relacione crença e erro, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.

2. Excerto:

128. Desde criança que aprendi a formar juízos assim. *Isto é fazer juízos.*

129. Eis como aprendi a fazer juízos; aprendi *isto* como sendo um juízo.

130. Mas não será a experiência que nos ensina a fazer juízos *desta maneira*, isto é, que é correcto julgar assim? Mas como é que a experiência nos *ensina*, então? É possível que *nós* consigamos isso através da experiência, mas a experiência não nos ensina a conseguir seja o que for da experiência. Se é o *fundamento* para nós julgarmos assim (e não apenas a causa), continuamos sem ter fundamento para encarar isso, por sua vez, como fundamento.

131. Não, a experiência não é o fundamento para o nosso jogo de juízos. Assim como também não o é o seu êxito notável.

132. Alguns homens julgaram que um rei podia fazer chover; *nós* dizemos que isto contradiz toda a experiência. Hoje julga-se que os aviões e o rádio, etc., são meios para assegurar maior contacto entre os povos e difundir a cultura.

133. Em circunstâncias normais, eu não verifico que tenho duas mãos olhando para elas. *Porque não?* A experiência terá mostrado que é desnecessário? Ou então: Aprendemos, de algum modo, uma lei universal de indução e confiamos nela também neste caso? – Mas por que razão teríamos aprendido uma lei *universal* primeiro, e não directamente a lei específica?

Trad. Elisa Costa, Lisboa, Edições 70, 2000, p. 49

A partir do texto, explicita o papel da experiência na formulação de juízos. Fundamente a sua análise com elementos da obra.

V.S.F.F.

114/7

## ELOGIO DA FILOSOFIA, M. Merleau-Ponty

1. Relacione os conceitos de progresso e de história, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.

2. Excerto:

Pois é impossível negar que a filosofia claudica. Habita a história e a vida, mas quereria instalar-se no seu centro, naquele ponto em que são advento, sentido nascente. Sente-se mal no já feito. Sendo expressão, só se realiza renunciando a coincidir com aquilo que exprime e afastando-se dele para lhe captar o sentido. É a utopia de uma posse à distância. Pode, então, ser trágica, pois tem em si o seu contrário, mas não é nunca uma ocupação *séria*. O homem sério, se existe, é aquele que diz sim a uma única coisa. Os filósofos mais resolutos querem sempre os contrários: realizar, destruindo, suprimir, conservando. Têm sempre um pensamento reservado. O filósofo dá ao homem sério – à acção, à religião, às paixões – uma atenção talvez mais aguda do que qualquer outra pessoa, mas, precisamente, por isso, sente-se que ele está de fora. As suas próprias acções são testemunhos, assemelham-se aos «actos significativos» (...). O filósofo da acção é talvez o mais afastado da acção: falar de acção, mesmo com rigor e profundidade, é declarar que não se pretende agir: Maquiavel é o oposto de um maquiavélico, pois descreve as manhas do poder, pois, como se disse, «divulga um segredo». O sedutor ou o político, que vivem na dialéctica e têm o sentido ou o instinto dela, utilizam-na unicamente para a esconder. É o filósofo que explica que, dialecticamente, em dadas condições, um opositor se torna equivalente a um traidor.

Trad. António Braz Teixeira, Lisboa, Guimarães Editores, 1998, pp. 75-76

Justifique a afirmação: a filosofia «não é nunca uma ocupação *séria*» (linha 5). Fundamente a sua análise do texto com elementos da obra.

---

## OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, B. Russell

1. Relacione realidade e princípio da contradição, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.

2. Excerto:

O problema que se impõe agora é o de saber se existe qualquer motivo para acreditarmos nisso a que se tem chamado «a uniformidade da natureza». A crença na uniformidade da natureza é a crença de que tudo que sucedeu outrora, assim como tudo que sobrevirá no futuro, vem a ser exemplo de uma lei geral, que não é passível de excepção *nenhuma*. (...) a ciência habitualmente pressupõe – como hipótese de trabalho, quando mais não seja, – que às regras gerais a que se nota excepção as poderão suprir outras regras gerais, que não comportam, essas, excepção alguma. «Os corpos sem apoio, abandonados no ar, caem»: eis aí uma lei geral, de que os balões e os aeroplanos se nos apresentam como excepções. Sem embargo, as leis do movimento e a da gravitação, que explicam a queda da maioria dos corpos, fazem-nos perceber ao mesmo tempo porque sobem os balões e os aeroplanos; e as leis do movimento e a da gravitação, como por aí se vê, não estão sujeitas às excepções que dissemos.

A crença de que o Sol se levantará amanhã poderia encontrar-se desmentida se de súbito a Terra viesse ao contacto com qualquer corpo de grande massa que lhe fizesse parar a rotação; as leis do movimento, porém, assim como a lei da gravitação, não seriam infringidas por tal sucesso.

Trad. António Sérgio, Coimbra, Livraria Almedina, 2001, p. 70

A partir do texto, explicita os fundamentos da crença na uniformidade da natureza. Fundamente a sua análise com elementos da obra.



## PROBLEMÁTICA DA SAUDADE & ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA SAUDOSA, Joaquim de Carvalho

1. Relacione os conceitos de apresentação e de representação, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.

2. Excerto:

5 *Ter vivido* e conservar um núcleo de representações ligadas emotivamente entre si são condições primordiais e indispensáveis da saudade; por isso a saudade se não dá na consciência incipiente da criança e o velho é mais propenso a viver saudosamente que o adulto. Somente a consciência formada, isto é, polarizada em torno do *eu* pessoal, pode ter saudades, e a razão procede da circunstância da consciência saudosa se inserir e compenetrar do tempo vitalmente vivido, sem o qual não pode haver saudades.

10 A esta luz, a saudade aparece como forma particular do comportamento perante o presente. A peculiaridade da temporalidade que lhe é própria surge com alguma clareza quando se compara com a consciência apaixonada, que é a consciência imersa no presente imediato, com a consciência expectante e esperançada, que é a consciência que fita o futuro, e com a consciência erma, que é a consciência que se sente solitária e desamparada, isto é, sem raízes em qualquer sítio do espaço e sem conexão com qualquer das dimensões do tempo.

15 Opondo o transacto ao que é percebido com actualidade, a consciência saudosa nem prolonga o presente que ela vive nem antecipa o futuro que ela deseja; a temporalidade que lhe é própria é *retrotensa* e não *protensa*.

In *Obra Completa*, vol. V, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, pp. 119-120

A partir do texto, explicita a dimensão evocativa da consciência saudosa. Fundamente a sua análise com elementos da obra.

---

## SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE, M. Heidegger

1. Relacione os conceitos de essência e de não-essência da verdade, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.

2. Excerto:

5 (...) um pensamento enraizado, voltado para o real, deve, em primeiro lugar e sem rodeios, esforçar-se por atingir a verdade efectiva, que nos dá hoje a medida e a posição, contra a confusão da opinião e do cálculo. De que serve, em face da indigência efectiva, a pergunta pela essência da verdade, que prescinde (que se «abstrai») de todo o real? Não será a pergunta pela essência a mais inessencial e descomprometida que pode, em geral, ser posta?

10 Ninguém se poderá subtrair à segurança evidente destas opiniões. Ninguém pode, com ligeireza, não reparar na sua seriedade constrangedora. Mas quem é que exprime estas opiniões? O «bom senso» humano. Ele faz alarde das exigências da utilidade palpável e brada contra o saber da essência do ente, saber essencial que, de há muito, se chama «filosofia».

15 O senso comum humano tem a sua necessidade própria: ele defende o seu direito com as únicas armas que tem à disposição. Ele apela ao «óbvio» das suas pretensões e opiniões. A filosofia, no entanto, nunca pode refutar o senso comum, pois ele é surdo à sua linguagem. A filosofia não pode querer refutá-lo de uma vez por todas, pois o senso comum é cego para aquilo que ela coloca diante do olhar essencial.

Além disso, nós mesmos nos detemos na inteligibilidade que é própria do senso comum, enquanto nos julgamos seguros naquelas diversas verdades da experiência da vida e do agir, da investigação, da criação ou da fé. Nós próprios levamos a cabo a rebelião do «óbvio» contra toda a reivindicação do que é digno de questão.

Trad. Carlos Morujão, Porto, Porto Editora, 2001, pp. 13 e 15

A partir do texto, distinga a atitude da filosofia da atitude do senso comum. Fundamente a sua análise com elementos da obra.

V.S.F.F.

114/9

## TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, P. Ricoeur

1. Relacione os conceitos de sentido e de referência, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.
2. Excerto:

5 A necessidade de adivinhar o sentido de um texto pode relacionar-se com o tipo de autonomia semântica que atribuí ao sentido textual, no meu segundo ensaio. Com a escrita, o sentido verbal do texto não mais coincide com o sentido mental ou a intenção do texto. Semelhante intenção é realizada e abolida pelo texto, que já não é a voz de alguém presente. O texto é mudo. Entre o texto e o leitor, estabelece-se uma relação assimétrica na qual apenas um dos parceiros fala pelos dois. O texto é como uma partitura musical e o leitor como o maestro que segue as instruções da notação. Por conseguinte, compreender não é apenas repetir o evento do discurso num evento semelhante, é gerar um novo acontecimento, que começa com o texto em que o evento inicial se objectivou.

10 Por outras palavras, temos de conjecturar o sentido do texto porque a intenção do autor fica para além do nosso alcance. É talvez aqui onde mais forte é a minha oposição à hermenêutica romântica. Todos conhecemos a máxima – que, na realidade, antecede os românticos, pois Kant conhece-a e cita-a – compreender um autor melhor do que ele a si mesmo se compreendeu. Ora, mesmo se esta máxima pode receber diferentes interpretações, mesmo se é possível conservá-la com reservas adequadas (como tentarei mostrar, mais adiante), ela extraviou a hermenêutica, na medida em que  
15 expressou o ideal da «congenialidade» ou uma comunhão de «génio» para «génio», na interpretação. As formas românticas da hermenêutica descuraram a situação específica criada pela disjunção do sentido verbal do texto, relativamente à intenção psicológica do autor.

Trad. Artur Morão, Lisboa, Edições 70, 2000, p. 87

A partir do excerto, explique a função da conjectura na interpretação do texto escrito. Fundamente a sua análise com elementos da obra.

## GRUPO II

- Selecione uma obra e o tema que lhe corresponde, indicando, **DE MODO INEQUÍVOCO**, a sua escolha.
- Utilize aproximadamente 640 palavras (cerca de 80 linhas), sem contar com o plano organizador. Considere este número como indicador do grau de desenvolvimento da sua resposta.

OBRAS	TEMAS
O MESTRE, Santo Agostinho .....	As palavras e as coisas
PROSLOGION, Santo Anselmo .....	O conhecimento de Deus pela razão humana
O ENTE E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino ....	Os acidentes
RECONDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura .....	A luz do conhecimento sensitivo
PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, R. Descartes .....	O conhecimento e as substâncias
CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, J. Locke .....	Fé e lei
DISCURSO DE METAFÍSICA, G. W. Leibniz .....	Perfeição e criação do mundo
FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, I. Kant .....	Dever e inclinação

– Desenvolva o tema correspondente à obra que seleccionou.

Na sua resposta:

- relacione o tema com o horizonte temático da obra;
- integre o tema na estrutura argumentativa da obra;
- avalie o modo como o autor trata o tema na obra.

– Comece por apresentar o plano organizador da sua resposta.

**FIM**

**V.S.F.F.**

114/11

## COTAÇÕES

### GRUPO I

1. .... 40 pontos

2. .... 70 pontos

**Total do Grupo I ..... 110 pontos**

### GRUPO II

Item único ..... 90 pontos

**Total do Grupo II ..... 90 pontos**

**TOTAL ..... 200 pontos**